

UNICAMP

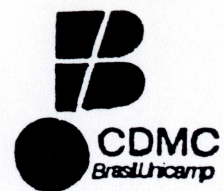
EVENTO: Jean Pierre Robert

VEÍCULO: CORREIO POPULAR

DATA: 29 jun 95

PÁGINA: C-1

SEÇÃO: CADERNO C



O músico francês Jean-Pierre Robert busca sons diferentes no contrabaixo há dez anos e suas pesquisas resultaram no livro Le Modes de Jeu de La Contrebasse - Un Dictionnaire de Sons

90 formas diferentes de tocar contrabaixo

Depois de dez anos de pesquisa, Jean-Pierre Robert explorou de todas as formas o contrabaixo e agora defende a inclusão do timbre na grafia da composição; ele apresenta em show e workshop na Unicamp hoje novas leituras da música erudita

O contrabaixista francês Jean-Pierre Robert faz um concerto único hoje em Campinas seguido de um workshop para apresentar as novas leituras e referenciais da escrita da música erudita. O concerto *I contrebasse, I humain* acontece ao meio-dia, no auditório do Instituto de Artes da Unicamp, e o workshop, às 13h30, no mesmo local. Os eventos são gratuitos e abertos ao público. No workshop, Robert irá discutir novas técnicas de contrabaixo, composições contemporâneas

e divulgar pesquisas que resultaram no livro *Le Modes de Jeu de La Contrebasse - Un Dictionnaire de Sons*, lançado este ano na França pela Editora Musica Guild.

O livro aborda a importância do timbre na música erudita contemporânea e as maneiras de interpretar esses timbres. Segundo Robert, a música erudita antiga era descrita, nas partituras, pelos elementos melodia e ritmo. O timbre atuava apenas como pano de fundo. Na música contemporânea, ex-

plica o contrabaixista, o timbre tem a mesma importância dos outros dois elementos e deve ser descrito na grafia da composição. O músico conta que, em dez anos de pesquisas, descobriu 90 maneiras diferentes de tocar contrabaixo, explorando o instrumento como um todo, inclusive os sons obtidos da madeira e do movimento do arco.

Robert lembra que o último registro sobre contrabaixo foi feito ainda na década de 60, pelo músico norte-americano Bertram Tu-

retzky, e revelava 30 modos diferentes de tocar o instrumento. O francês enfatiza que obteve os números baseando-se em composições analisadas durante suas pesquisas. E ressalva que existem infinitas maneiras de manipular o baixo, de acordo com a percepção do músico. “O intérprete contemporâneo depende de sua percepção”, afirma. Durante seu trabalho de análise da importância do timbre na composição atual, Robert também descobriu formas de ano-

tar esses timbres nas partituras para que eles possam ser lidos pelos intérpretes, caracterizando uma escrita mais precisa e detalhada da música.

Les Modes de Jeu de la Contrebasse indica os novos referenciais da escrita e é acompanhado de dois CDs, nos quais o timbre descrito é apresentado no instrumento. Robert comenta que a técnica representa “uma virada” na percepção musical e pode ser aplicada nas músicas eruditas antigas. O

contrabaixista cita o movimento europeu *Renouveau Baroque*, que relê peças antigas com outras percepções baseadas na exploração dos timbres. “A escrita é um rastro que pode ser recente e que pode ter 200 anos. Pode existir independente do observador. mas eu não acredito nisso. A interpretação do rastro depende do observador”, analisa Robert. Depois de Campinas, ele parte para Madri, na Espanha, onde apresenta o concerto *I contrebasse, I humain*.

Músico estimula percepção do ouvinte

O programa do concerto *I contrebasse, I humain* é resultado de uma pesquisa do músico Jean-Pierre Robert para estimular a percepção do ouvinte. As duas primeiras peças do repertório, *Theraps* (Iannis Xenakis) e *In and Out* (Pascal Dusapin), são chamadas de “puras” porque têm uma leitura convencional. As duas peças seguintes, *Récitations* (Georges Aperghis) e *Valentine* (Jacob Druckman), são interpretadas com a ajuda de elementos cênicos, gestos e voz. De acordo com o coordenador do Centro de Documentação de Música Contemporânea da Unicamp, José Augusto Mannis, esses elementos completam a sonoridade das peças.

“Trata-se de um bloco indissociável, de um discurso que

só existe com todos os elementos”, explica Mannis. Ele diz que todos os recursos usados na interpretação são descritos minuciosamente na partitura da composição, como se fossem notas musicais. O objetivo dessa associação de elementos é sensibilizar a percepção do ouvinte. “A mistura de meios faz com que o público comece a ouvir coisas às quais não prestava atenção”, esclarece o coordenador. Na parte final do concerto, comenta Mannis, Robert faz um “zoom”, tira todos os elementos cênicos para interpretar duas peças especialmente baseadas em timbres, *Maknongan* (Giacinto Scelsi) e *Folia* (Kaija Saariaho).

“Nenhuma das três partes é mais importante que o caminho

percorrido durante o concerto”, analisa Roberts. O contrabaixista, de 39 anos, nasceu em Tours na França e estudou música clássica no início de sua formação. “Mas esqueci tudo quando me interessei por música contemporânea”, brinca. Apesar de se dedicar exclusivamente à interpretação, participa do trabalho de compositores dando sugestões sobre a utilização do contrabaixo.

As músicas que pesquisa durante o ano são selecionadas para comporem o repertório de seus concertos no ano seguinte. O livro *Les Modes de Jeu de la Contrebasse* não será editado, a princípio, no Brasil. Mas a versão francesa pode ser encomendada no CDMC, pelo fone (0192) 39-1503, ramal 29.